

EDITORIAL

Há mais de 15 anos Estudos Bíblicos caminha ao lado de todos aqueles e aquelas que colocam a vida a serviço dos pobres deste continente, em vista da superação das estruturas que marginalizam e excluem crianças, mulheres, camponeses, indígenas, negros... Enfim, a maioria da nossa gente. Às vezes baixa um tremendo desânimo, por testemunharmos o acirramento dos enfrentamentos, o embrutecimento das pessoas, o alastramento da corrupção. Como manter a convicção de que é possível e imprescindível organizar a vida de outra maneira? Como sustentar o ânimo na luta por este tão desejado novo modelo social?

Nós, biblistas do Centro-Oeste, pensamos, então, que o momento é oportuno para refletir sobre a “ternura”, mas não apenas como afetividade, expressão de sentimentos. Fazemos uma abordagem deste tema de maneira mais holística, pensando a ternura como relação amorosa das pessoas entre si, e destas com a terra, com as águas, com a natureza, com todas as criaturas.

Essa reflexão tem pretensões claras e endereço certo: gerar atitudes novas nas relações interpessoais e alimentar a determinação daqueles e daquelas que se indignam com as injustiças e lutam contra o sistema vigente e a sua lógica de indiferença e exclusão. Ternura, cuidado, resistência: Cuidar uns dos outros, umas das outras; viver nos ritmos da ternura, como antecipação do Reino possível agora; resistir às seduções do sistema, praticando a fidelidade ao projeto do Pai, não como legislação inflexível e opressora, mas como “vontade graciosa de Deus para com o seu povo”, como diz o Haroldo, e é por aí que começamos:

Haroldo Reimer reflete sobre o código deuteronomico (Deuteronomio 12 a 26), recuperando a visão de Torá, como misericórdia e bênção de Deus, oferecida incondicionalmente ao seu povo e que, entretanto, pode ser mantida por este povo apenas condicionalmente. E a condição é compartilhar o que se recebe “de graça”, através das práticas de solidariedade: dizimo consumido festivamente, junto aos excluídos(as); perdoar dívidas; libertar pessoas escravas; não explorar os irmãos para obter usuras; abrir a mão para com os mais pobres... Tudo isso “para que Javé, teu Deus, te abençoe em todas as obras das tuas mãos”.

Lorenzo Lago continua refletindo sobre a misericórdia (hesed) advertindo-nos, entretanto, que, segundo as circunstâncias, este termo pode ser manipulado a favor daqueles que oprimem o povo. Em Miquéias, obra de referência deste artigo, temos, segundo o autor, um caso típico no qual hesed aparece com dois significados diferentes: um mais radical e revolucionário, outro mais leve no intuito de amansar/domesticar a profecia original. Neste caso, é necessário reconstituir o contexto da profecia e

buscar em cada caso o sentido próprio para o termo em questão. Portanto em Mq 6,8, onde as nossas bíblias traduzem *hesed* por misericórdia, recomenda Lorenzo que se entenda *hesed* como a atitude radical de quem rejeita qualquer contato com o esquema de exploração. *Hesed*, nesse caso, é resistência e não perdão.

A seguir, Alexandre Rangel nos convida a olhar para o livro de Jonas, com a ajuda de instrumentos do campo da psicologia, descobrindo na figura de Jonas não apenas um personagem bíblico, mas uma imagem estruturante, um arquétipo, um espelho no qual toda pessoa pode se olhar e compreender seus processos de fuga, mergulho e reencontro consigo mesma. Quem desce nas profundezas de si tem maiores possibilidades de se compreender e assumir a missão de cuidar e ser luz para os outros, ao mesmo tempo que se abre para acolher a luz e o cuidado dos outros para consigo. Sem reciprocidade não se pode ser pessoa plena.

Nesta mesma perspectiva do cuidado seguem o quarto e quinto artigos. Primeiro William César de Andrade parte das comumente denominadas “pragas do Egito” e nos ajuda a reler Êxodo 7–11 deslocando o foco narrativo dos opressores para os oprimidos. As águas que se tornam sangue, de fato, são sinal de morte, mas apenas para os que davam sustentação ao sistema egípcio-cananeu. Para os hebreus, as mesmas águas são sinal da ação redentora de Deus e o episódio, no seu conjunto, aponta para a imprescindível resistência, nas situações de enfrentamento com o sistema opressor. As águas, quando feridas pela prepotência dos seres humanos, fazem aliança com os que se organizam em defesa da vida. A natureza e o (Deus do) povo recusam a subalternização que a ideologia dominante apregoa. E mostram que, juntos, podem vencer e aniquilar seus concorrentes.

Vida e morte se mesclam também no artigo de Mônica Ottermann, que apresenta uma minuciosa exposição a respeito das violações que, ao longo da história, os monarcas impuseram a Gion, única fonte perene de Jerusalém. Numa terra semi-árida, o controle das águas representa poder. Poços, canais, túneis... Frequentemente as fontes, símbolos da vida, são usadas na manutenção de um sistema de morte. Quanto mais igualitária e pacífica for uma sociedade, mais integrada ela é com a natureza. Quanto mais hierarquizada e belicosa, mais violenta para com a natureza e para com as pessoas mais fracas. Obras grandiosas rimam com exploração das pessoas apropriadas de poder. Cabe, portanto, aguçar a sensibilidade e distinguir o bem e o mal nas intervenções passadas e presentes que se operam sobre a natureza. Banir os resquícios de egocentrismo presentes em nós e nos educar na perspectiva do ecocentrismo, quando mulheres e homens geram espaço de solidariedade e carinho para com tudo que integra o corpo da Terra.

Para avançarmos na direção do ecocentrismo, entretanto, é necessário passar por uma “faxina” de conceitos. Nada melhor do que descobrir exatamente de onde vêm aquelas velhas idéias, as quais sempre se metamorfoseiam para sobreviver com ares de novas. Uma dessas é a associação entre “mulher e mal”. Luigi Schiavo faz ampla exposição do mito dos anjos decaídos por causa da mulher, presentes na literatura bíblica, apócrifa, pseudépigrafa, grega e de outras regiões do Oriente. Esses mi-

tos são produtos de sociedades patriarcais, surgem em contextos de condenação da sexualidade da mulher e pretendem, através do seu controle, exercer o domínio sobre elas. Daí decorre uma gama infindável de atitudes opressoras sobre a sexualidade, o corpo, a vida de mulheres, ao longo de milênios. Há que se compreender a origem dessas idéias para exorcizá-las, em vista do estabelecimento de relações livres de medos e culpas, saudáveis para mulheres e homens, para a humanidade e para o cosmos.

Nesta toada, gritam as mulheres da Anatólia Central: Chegará o dia em que não haverá “macho e fêmea”! Trata-se da originalíssima fórmula batismal acolhida pelo apóstolo Paulo na carta aos Gálatas (3,28c). Sobre esse semiversículo, Joel Antônio Ferreira constrói seu artigo, ajudando-nos a compreender a ousadia das primeiras comunidades cristãs, diante das condições da mulher nos ambientes greco-romanos e judaicos do primeiro século da era cristã. Associadas ao apóstolo, há nomes de muitas mulheres ocupando posição de liderança nas comunidades, como diaconisas, apóstolas, discípulas, entre outros ministérios. Por tudo isso, “não há macho e fêmea” não é uma afirmação incidental, mas “mola propulsora de toda a epístola aos gálatas”, que trouxe conseqüências revolucionárias para as igrejas domésticas, no cristianismo primitivo. As saudações afetuosas para tantas mulheres demonstram que Paulo pôs em prática a essa visão igualitária que propunha para as igrejas, de algum modo, superando as assimetrias de gênero.

O afeto de Paulo para com as comunidades é o que se percebe desde o primeiro documento, não apenas de sua autoria, mas de todo o Segundo Testamento. Jordino Marques analisa no seu artigo a terna relação do apóstolo com a comunidade de Tessalônica, para quem ele se apresenta como uma “ama de leite que acaricia seus filhinhos”, como pai, disposto a compartilhar não apenas o Evangelho mas sua própria vida. Para o autor, Tessalônica representa o primeiro indicativo de como deve ser uma comunidade em sua relação recíproca e em sua relação com aquele que a fundou.

Finalmente, Ivoni Richter Reimer nos propõe uma iluminação para a realidade presente de crise ecológica generalizada, a partir de Romanos 8, particularmente do v. 22: “Toda a criação geme em dores de parto”. Aqui está o grande motivo para resistir e lutar: Deus torna a pessoa justa e, simultaneamente, faz que as pessoas realizem a justiça; aquelas pessoas enfraquecidas pelo mundo, pela força do Espírito, recebem autoridade de proclamar uma nova ordem. O interesse de Paulo é promover a resistência das pessoas diante da lógica do pecado e incentivar a prática da lógica do Espírito: o bem-estar de todos, baseado na justiça. Esse é um trabalho de parto, compartilhado solidariamente por toda a criação. Ninguém fica de fora. Cristo, arduamente, consegue nossa redenção, mas nós devemos viver esse processo em nosso corpo.

Ficou com vontade de comer deste banquete? Recomendamos que você, de fato, caia na tentação porque essas são apenas amostras de quão suculentos são os “pratos” desta “refeição”. Saborosa também foi a estada na “cozinha” da preparação desta edição, nos seis meses de telefonemas, mensagens eletrônicas, reuniões, trocas de idéias, rezas... Cultivo discreto, mas persistente, da ternura que marca não apenas os nossos discursos mas a nossa convivência fraterna. Ponto para Isaías (55,10) que

entendeu a força irresistível da Palavra: “como desce a chuva ou a neve do alto do céu, não voltando para lá sem ter saturado a terra, sem tê-la feito dar à luz e deitar botões, sem ter dado semente ao semeado e alimento ao que come”.

Gente não é feita de plástico, PVC ou outro produto impermeável. Gente é terra pronta para ser saturada pela Palavra e dar à luz toda sorte de fruto. Que assim seja!

*Walderez Brito
(organizador)*